



Psyché  
Universidade São Marcos  
psique@smarcos.br  
ISSN: 1415-1138  
BRASIL

2003  
Marcia Simões Corrêa Neder Bacha  
RESEÑA DE "INTERFACES DA PSICANÁLISE" DE RENATO MEZAN  
*Psyché*, junho, año/vol. VII, número 011  
Universidade São Marcos  
São Paulo, Brasil  
pp. 185-189

**MEZAN, Renato. *Interfaces da psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, 585p. ISBN 8535902767**

### **O arcaico pagão de Renato Mezan**

**N**ão é tarefa fácil apresentar ao leitor, em poucas páginas, o novo livro de Renato Mezan, *Interfaces da psicanálise*; paira sobre a resenhadora o risco de mutilar membros cuidadosamente articulados pelo autor, com a precisão do geômetra e a sutileza do relojoeiro, nas três partes que o compõem: *Momentos de uma história*, *A psicanálise no século* e *A psicanálise na universidade*. Especialmente porque, como ele diz, “não existe leitura inocente”, simples “decalque do que está escrito, embora a compreensão do que está escrito e sua restituição exata sejam obrigatoriamente a primeira etapa de toda leitura”. As ferramentas desse trabalho incluem as *questões* de quem lê, bem como “sua formação, sua posição no contexto da cultura, sua prática, seus interesses”, motivo pelo qual deveríamos determinar os filtros pelos quais nós apreendemos uma determinada obra (p. 209).

Leitor-resenhador na última parte, ele diz deixar suas preocupações e interesses encontrarem-se com os do autor, sendo “essa fertilização de um pelo outro [o] que torna produtiva uma leitura, que pode se dar sob a forma do diálogo, do debate ou até mesmo da discordância; não importa. O que importa é a capacidade do texto para (...) induzir no leitor um movimento de reflexão que, partindo do que leu, envolve o lido em tramas que se originam em outras paragens, engendrando com isso algo que não é muito

diferente da ‘arte do tecelão’” (p. 543). Posição que ele gostaria que seu leitor ocupasse, recebendo os textos como se fossem os “lançadores do tear: trançando aos fios do seu pensamento e da sua experiência os que percorrem os do autor” (p. 14). Daí a satisfação redobrada com que recebi o honroso convite do autor, e de Daniel Delouya, editor desta revista, para resenhar o livro. Feliz ocasião para prolongar um diálogo já antigo e extremamente fecundo que mantenho com sua obra, plena de desenvolvimentos e indicações absolutamente originais, e fundados em um rigor que lhe é consubstancial, e à qual me liguei, há mais de vinte anos, pelo fio de uma frase que saltava das primeiras páginas do seu *Freud, a trama dos conceitos*: “a psicanálise obriga a epistemologia a repensar o problema da objetividade dos conhecimentos”.

Começava minha pesquisa de mestrado em Psicologia Clínica na PUC-RJ (*O som da imagem: palavras e imagens em psicoterapia*) sobre o imaginário no *Rêve éveillé dirigé* de Robert Desoille, método terapêutico aclamado por Gaston Bachelard como a superação da “psicanálise clássica” por explorar o poder onírico e fecundante da imagem, ao invés de buscar sua causalidade inconsciente. Mais do que significar como o conceito, a função nobre da imagem é fazer sonhar, expandindo os limites do ser que nela se engaja. Tomando as imagens como símbolos (ou conceitos), a psicanálise desprezaria todo esse domínio de

pesquisas privilegiado pelo *rêve éveillé* sob os aplausos da poética bachelardiana. “Sob a imagem a psicanálise procura a realidade: esquece a pesquisa inversa: sobre a realidade, buscar a positividade da imagem”.

A *psicanálise do conhecimento objetivo* proposta por Bachelard como indispensável à constituição dos conhecimentos científicos e à *formação do espírito científico*, deveria tirar proveito da hostilidade que reinava entre os “dois irmãos” – a imagem e o conceito. Ao *epistemólogo psicanalista* caberia descolar a camada imaginária do fio conceitual, para deixá-lo seguir em sua liberdade objetivante, desprendendo-se do extracientífico. No entanto, como a imagem permanece no conceito sob a forma *retificada*, era possível refazer em sentido inverso o caminho do conceito. A seu modo, a epistemologia bachelardiana encenava a dança das metáforas com os conceitos, enraizando fortemente a epistemologia na história. A hostilidade dava lugar a uma cumplicidade, explorada metodicamente por Renato Mezan desde o título do seu novo livro. Em cada uma das páginas que o compõem, acompanhamos o *psicanalista epistemólogo* no rastro dos espectros que rondam os conceitos, para deixar que vivam sua vida e falem sua língua, fazendo-se conhecer em seus hábitos e em sua imensa capacidade de fecundar a teoria, gerando a trama conceitual.

As metáforas invasivas e malquistas no pensamento do cientista de Bachelard serão acolhidas pelo pensamento do psicanalista. Especialmente por este psicanalista e filósofo, que condiciona o conhecimento da psicanálise a uma dupla leitura: uma histórica, esteio da outra, a epistemológica. A histórica investiga de que modo essa disciplina se constituiu, e a partir dela a leitura epistemológica formula suas perguntas em busca do modo de produção dos conceitos. Cabe à epistemologia da psicanálise elucidar

o modo de ação do inconsciente do analista sobre a construção conceitual. Para o que pode se servir da contratransferência, e da “impregnação dos conceitos pelas imagens do processo primário”, que ajuda “a discernir uma das fontes nas quais os conceitos se originam. Talvez seja essa a tarefa mais difícil para o epistemólogo da psicanálise, mas a meu ver não há como desviar-se dela” (p. 519).

“A criatividade intelectual repousa sobre dois pilares: uma imaginação audaciosa e uma autocrítica implacável”, diz Mezan retomando uma carta de Freud a Ferenczi. Esse é um dos sentidos que ele atribui à expressão “psicanálise aplicada”: aplicar o método psicanalítico aos conceitos, de modo a enxergar a “camada imagética ou fantasmática” que empresta seus fios à trama teórica.

Do princípio ao fim, seu novo livro é atravessado por esta exigência: se quisermos conhecer a psicanálise em sua natureza teórica, prática e institucional, não podemos prescindir dessa dupla leitura, capaz de estudá-la nos movimentos da sua história e dos seus conceitos, que longe de se fazerem à margem do extracientífico, integram-no em uma complicadíssima rede de articulações.

A “imaginação audaciosa” toma a geometria e a informática (com suas imagens de “faces” e “interfaces”) como “belas metáforas” para a psicanálise, pois nelas, como na alma humana e “no pensamento do analista, seja este clínico ou teórico”, o irracional habita o que parece racional. Mas logo a “crítica impiedosa” vem limitar a analogia proposta: a psicanálise, como as demais disciplinas humanas, depende de fatores extracientíficos para se constituir e sobreviver. Ela ingere os alimentos da sociedade e da cultura para metabolizá-los, de modo que o não-diretamente clínico também a integra.

Aplicando o método psicanalítico a um pensamento como o de Althusser, Mezan mostra-o animado por um movimento separador que é “quase uma fobia de contato”, transpondo sutilmente para a filosofia uma modalidade do seu funcionamento psíquico. A mesma separação taxativa é realizada por Lacan entre função paterna e função materna, e comentada por ele com Monique Schneider. “Lacan coloca o pai – a função paterna – como aquele que separa a mãe do seu filho, castrando-a da posse onipotente e louca dele”. O correlato dessa idéia é a “figura da mãe como uma espécie de ogro devorador e envolvente, que, se não tiver um pai por perto, fatalmente transformará seu filho num esquizofrênico ou num autista” (p. 324).

Não é o mundo onírico do fundador que está presente nas origens da psicanálise? Com *A interpretação dos sonhos: origem e contexto*, Mezan abre a coletânea desenredando, com sua habitual destreza, os fios que tecem a atualidade dessa obra duplamente fundadora. Fundadora de um novo homem, que por meio dela e da auto-análise, que lhe dá substância, ajustava contas com o pai, “com a sociedade tacanha em que se sentia sufocado e com seus próprios demônios interiores” (p. 25). E fundadora de uma nova arte – a arte de pintar o autorretrato, em um momento em que o narcisismo está em franca expansão: a paixão pela própria imagem é a marca distintiva do século XX, “o mais selvagem e violento da história”. Gestada no alvorecer desse século do *Ego narcissus*, armado com defesas narcísicas (as pequenas diferenças) para se proteger da angústia de estilhaçamento e fragmentação característica da psique contemporânea, *A interpretação dos sonhos* continua a ser um instrumento tão determinante na composição do (auto)retrato quanto o foi no tempo de Freud. De fato, ela é o abrelatas na avenida das representações, e no

limo que constitui o seu *aquém*, o *arcaico* ou “profundo” a que a psicanálise deve chegar. Para Freud, o complexo de Édipo; para seus sucessores, a sua “pré-história”.

Desde Freud, e em especial com Abraham e Ferenczi, os conhecimentos em psicanálise avançam em direção ao arcaico, diz Mezan, que com Monique Schneider situa o tema dos olhos em um para *aquém* do Édipo marcado pela *angústia* e a *ambivalência*. Nesse contexto ele examina a presença do divã no dispositivo analítico (“A Medusa e o telescópio: Freud e o olhar”). Para além da relação complexa que Freud mantinha com o olhar, ele convida o leitor a acompanhá-lo pelos labirintos da pulsão de ver, traçando uma metapsicologia que a situa como onipresente nas pulsões sexuais e paradigma da sexualidade, uma vez que seus objetos são a fantasia e o sonho.

O divã-capacete (que torna o analista invisível) protege Freud-Perseu do olhar petrificante do paciente-Medusa. Essa fantasia transferencial prolonga-se na regra técnica, segundo a qual “para que eu possa ver, o outro não deve me ver”. Para que eu possa *ser o sujeito de um olhar de luz* (= interpretar) que fragmenta como a potência masculina, eu não posso *estar sujeito ao olhar absorvente* da Medusa, que aspira ou invade como a potência feminina, e que metaforiza “a realização do incesto, não sob a forma de um coito entre dois adultos, um dos quais é a mãe do outro, mas sob a forma irrepresentável da *dissolução de si no retorno ao indiferenciado*” (p. 70). O divã (psic)analizado revela-se uma condensação de dois olhares opostos: um olhar que demarca, distingue e observa (como o do médico, do cientista e do intérprete), e um olhar terrível e fascinante como o de Gorgô, que se transforma “em boca, em sexo feminino”. “Resta saber se a Medusa habita apenas o divã”, conclui o autor.

Como de hábito, nas mãos desse arte-são o tecido da psicanálise produz peças que

vestem bem a complexidade do humano. Não é só a castração separadora e discriminadora que nos ameaça – a tão alardeada *diferença* que a insistente patrulha do “politicamente correto” tenta marcar. A identidade, que apaga as diferenças, não carrega menos poderes de nos destruir. A metapsicologia que Renato Mezan monta com sua obra restitui-nos um *arcaico pagão*, que para além ou para aquém do desejo e da culpa, sofre na *angústia*, na *vergonha*, na *inveja* e no *ódio*. Despertando do seu sono “cataléptico” esse infantil da nossa humanidade, que os seminaristas consideram definitivamente soterrado pelos novos tempos inaugurados pelo mundo cristão, a psicanálise manejada por Mezan marca uma vitória no jogo contra a repressão. Não são apenas as diferenças que constituem as subjetividades – as contemporâneas, no caso –, mas também as semelhanças com outras que lhes antecederam. Certamente não foi por mera casualidade que o autor encerrou o livro com o tema da paixão, ressaltando que “o anseio pelo outro [é tão] fundante do humano [quanto] o medo de que o vínculo com ele produza servidão e despersonalização” (p. 554).

Sua exploração histórica e epistemológica da psicanálise nos conduz a esta fundação arcaica da *formação* de um ser. Talvez seja esta uma das experiências que mais agudizam esse conflito inerente à nossa humanidade, desnudando a imperfeição de um ser que só pode prescindir do outro naquela região chamada *ego ideal*, em que ele se idealiza como autárquico (“eu me basto”), sem paixões. O despencar dessa idealização, provocado pela presença imprescindível do *outro* em uma formação, desloca para a *angústia*, a *vergonha* e a *inveja* as dores de uma formação – dor que a filosofia, com a *Fenomenologia do espírito*, situou na exigência de disciplina necessária à apropriação da cultura.

Estamos aqui, evidentemente, em uma teoria psicanalítica da cultura, que já não atribui exclusividade à relação *coercitiva* entre civilização e pulsões. Sua *dimensão sedutora* é tão determinante da subjetividade, que Mezan quer saber por que Freud a deixou de lado, analisando a questão ao longo de páginas brilhantes, às quais envio o leitor interessado em compreender a sociedade contemporânea, seus mecanismos de controle, os impasses de uma teoria quantitativa dos prazeres humanos (“Platão e a psicanálise”), chegando à sua proposta de uma teoria que substitua o paradigma do orgasmo masculino na sua descarga ejaculatória pelas “satisfações preliminares do ato sexual”, cujo modelo é a *carícia*.

Não menos prenhe de desdobramentos é sua análise da originalidade da tese psicanalítica do caráter primário da auto-agressão, e sua condição de fenômeno psicanalítico por excelência, e a conclusão segundo a qual a uma nova teoria das pulsões corresponde uma nova teoria psicanalítica da cultura, na qual esta é incumbida, simultaneamente, de *estimular e controlar* a agressividade, contexto no qual o autor analisa o preconceito, o ódio ao inimigo, o temor aos deuses e as demais criações culturais. Caminhando na contra-mão do pensamento dominante, que teria menosprezado a agressividade, ele a toma como a interface entre o social e o psíquico. Destruindo a separação “forçada” entre a “psicanálise aplicada” e a psicanálise clínica, Mezan tece uma psicanálise da cultura cujos fios estão emaranhados com fenômenos dessa espécie: a publicidade é “sonho induzido”, e as explorações de Abraham sobre o erotismo oral revelam sua vigorosa atualidade: se o século XX foi o século do narcisismo (pulsão de ver), o mundo contemporâneo é dominado pela oralidade, que transborda na drogadição, no alcoolismo e na anorexia.

Oralidade privilegiada por Laplanche na constituição do psiquismo em sua *Teoria da sedução generalizada*, que o autor compara com a teoria do *Édipo originário* de Le Guen: ambas tratam da constituição do psiquismo a partir do outro. Para Mezan, no entanto, haveria entre as duas uma incompatibilidade radical, já que o originário na primeira é a *sedução*, “sempre um jogo de dois”, e na segunda é o *Édipo*, cuja natureza é triangular.

E se a fonte da incompatibilidade suposta fosse a exigência de *separação* entre os *conceitos* de Édipo (triangular) e Narciso (sedução dual) – exigência fundada na *fantasia* inconsciente do feminino canibal, da mãe ogro devorador? Se entre o *bebê* e a *mãe* se posta o *enigma* (Laplanche) – que é o *outro* da mãe, *não a sua negação* (como em Le Guen) –, aquela figura da geometria (o triângulo) já estaria presente desde as origens do psiquismo. E se esta fosse a *realidade* originária – um confronto do bebê-Édipo com significantes enigmáticos introduzidos por um outro-Esfinge (monstro *bissexual* nas versões antigas) –, talvez o originário fosse um *Édipo narcisista*...

Se a percepção do estranho só ocorre aos oito meses, o que ocorre *antes*? A vida de relação, diria Laplanche, cujo momento inaugural também não coincide com o da sexualidade. Como se vê, tampouco a sedução é originária, nesse sentido geral.

A diferença entre as duas teorias seria, assim, deslocada para os *mecanismos* que o *outro*, estruturante do psiquismo em ambas, faz funcionar no bebê: a *presença* da mãe em Laplanche aciona a *introjeção*, cujo correlato é a simbolização (a tradução dos significantes enigmáticos). Já a *ausência* da mãe (o *não-mãe*), na teoria de Le

Guen, implica a perda do objeto e, pois, a *incorporação* expressa pela fantasia do bebê de que a engoliu.

Polemizando ora com “os simples de espírito” e com os que têm preguiça de pensar, ora com os idólatras, os fanáticos e panfletários, ora com os pretensiosos que enchem a psicanálise com um “rol de asneiras”, Mezan vai desenhando as páginas do seu livro com ousadia, sutileza e rigor, ancorado em uma densa e multifacetada rede de informações, que conforme espero ter mostrado, provocam no leitor as desejadas associações anunciadas no início. Como o Cavaleiro da Triste Figura que o ajudou a concluir *Freud, pensador da cultura*, seu leitor não permanece intacto ao lê-lo. E se este livro explorava exaustivamente a *dimensão auto-analítica da psicanálise da cultura*, *Interfaces da psicanálise não nos deixa esquecer que é próprio da terapia analítica afetar a economia psíquica do terapeuta* (p. 493) – uma afetação que a escrita ajuda a elaborar, como atesta a intensa atividade de escriba desenvolvida por Freud e também comentada por Mezan.

E se uma exploração psicanalítica inclui o psiquismo do explorador, então, como afirmou o autor de *Freud, a trama dos conceitos*, a epistemologia tem mesmo que repensar o problema da objetividade dos conhecimentos. Pelo menos uma epistemologia psicanalítica que toma o conceito-criatura como uma via de acesso ao imaginário do seu criador.

### Marcia Simões Corrêa Neder Bacha

Doutora em Psicologia Clínica; Psicanalista; Autora de *A arte de formar. O feminino, o infantil e o epistemológico* e *Psicanálise e Educação: laços refeitos*.

e-mail: mbacha@uol.com.br